

CONSTRUÇÕES COORDENADAS EM PORTUGUÊS, NHEENGATU E WAYORO

Clizana Pereira GONÇALVES (UFPA)

Antônia Fernanda de Souza NOGUEIRA (UFPA)

RESUMO: O artigo analisa e compara estratégias de coordenação em Português, Nheengatu e Wayoro. Investiremos aqui em uma análise contrastiva entre as três línguas, levando em consideração a estrutura das sentenças de cada língua e os possíveis empréstimos do português. Pretende-se, desse modo, averiguar como se estabelece a relação de coordenação na língua portuguesa e nas duas línguas indígenas para se compreender, futuramente, com maior profundidade como esse fenômeno pode se manifestar nas línguas em geral, e, principalmente, no âmbito de cada língua em suas particularidades. Em primeira instância, apresentaremos alguns conceitos que diferem a coordenação da subordinação e as propriedades da coordenação (HASPELMATH, 2007). Descreve-se, em seguida, as coordenadas adversativas, alternativas e explicativas, nas línguas sob análise. Como resultado, podemos notar que Nheengatu e Português compartilham propriedades linguísticas com relação às sentenças coordenadas (incluindo empréstimos de conjunções). A língua Wayoro, por outro lado, distancia-se das demais. Tal resultado, ressaltaremos, relaciona-se com as diferentes situações de contato entre a língua portuguesa e as línguas indígenas brasileiras, como Nheengatu e Wayoro.

Palavras-chave: Coordenação. Português. Nheengatu. Wayoro.

1 - INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentaremos semelhanças e diferenças entre a língua portuguesa e duas línguas indígenas, a língua Nheengatu (Tupi, Tupi-Guarani) e Wayoro (Tupi, Tupari). Focalizaremos nossa comparação na coordenação e suas diversas possibilidades de afinidades e empréstimos entre o português e as línguas indígenas.

Um dos objetivos do presente trabalho é disseminar para o público leitor propriedades gramaticais interessantes das línguas indígenas brasileiras, como forma de se aproximar de uma cultura que está tão próxima, mas que é desconhecida para os falantes do português brasileiro.

Os dados utilizados nas seções procedem de pesquisas bibliográficas realizadas em livros, artigos científicos, relatórios de pesquisa.

2 - RELAÇÕES DE COORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO

Verifiquemos primeiramente o conceito de coordenação e subordinação, para posteriormente averiguarmos os dados das línguas sob estudo. Uma das diferenças fundamentais entre coordenação e subordinação leva em conta a função sintática dos elementos envolvidos. Para

Savioli (1999), dependendo do seu valor funcional, coordenam-se termos de mesma função e subordinam-se termos de diferentes funções sintáticas.

Orações dentro do contexto de um discurso podem ser relacionadas através de coordenação e subordinação. Givón salienta que

A relação sintático-semântica entre duas ou mais orações pode ser estabelecida por meio de coordenação e subordinação. Os períodos formados por subordinação são caracterizados por maior dependência sintática entre as orações que os constitui, enquanto os formados por coordenação permitem uma maior independência entre as orações. Como em vários outros aspectos das línguas, a divisão não é binária, mas gradual (GIVON, 2001 apud CRUZ, 2011, p. 478).

Quanto à classificação das orações coordenadas, há dois tipos de coordenação, a coordenação **assindética** e a coordenação **sindética**.

Martin Haspelmath (2007) afirma que as coordenadas assindéticas não apresentam um coordenador, ou seja, são orações coordenadas entre si que não são ligadas através de conectivo. Já a coordenada sindética tem algum elemento coordenador na sentença, ou seja, estão coordenadas entre si através de uma conjunção coordenativa.

Ainda segundo Haspelmath (2007), a coordenação é caracterizada por uma ligação entre dois elementos, A e B, que de alguma maneira são semelhantes sintaticamente. Haspelmath contrasta a coordenação com a relação de dependência ou subordinação, em que um elemento é o núcleo e o outro é um termo dependente, e se esse mesmo elemento for uma sentença, encontramos então uma sentença subordinada.

O lingüista elenca as possibilidades encontradas nas línguas de organização dos elementos coordenados A e B, conforme os tipos de coordenação e a posição dos coordenadores. Quanto aos tipos afirma que a construção coordenada que não apresenta um coordenador é classificada como assindética, já a construção que possui um elemento coordenador é chamada de sindética. O autor também faz referência à quantidade de elementos coordenadores presentes nas construções. É chamada de monossindética, a coordenação em que existe apenas um elemento que coordena as sentenças, observemos um exemplo citado por ele.

(1) Inglês

Franz **and** Sisi will travel to Trieste. (HASPELMATH, 2007, p. 3)

Franz e Sisi viajarão para Trieste.

Observe que, no exemplo (1), há apenas um conectivo **and** o qual estabelece a conexão na sentença, conseqüentemente, tem-se uma construção monossindética.

As construções classificadas como bissindéticas são aquelas que possuem dois coordenadores. Vejamos o exemplo abaixo.

(2) Inglês

Both Franz **and** Sisi will travel to Trieste. (HASPELMATH, 2007, p. 3)

Ambos Franz e Sisi viajarão para Trieste.

No exemplo (2), podemos apreender a presença do coordenador **both** e ao meio do enunciado de um segundo coordenador, **and**, ou seja, trata-se de uma construção bissindética.

(3) Kannada

Narahariy-**u**: So:mase:kharan-**u**: pe:t.e-ge ho:-d-aru

Narahari-e Somashekhara-e mercado-dativo ir-passado-3pl

Narahari **e** Somashekhara foram ao supermercado. (HASPELMATH, 2007, p. 2)

No exemplo (3), a conexão é estabelecida através da adição do coordenador tanto no primeiro termo quanto no segundo termo coordenado, ou seja, o elemento coordenador **-u**: aparece duas vezes na construção. Trata-se também, portanto, de uma construção coordenada bissindética.

Haspelmath (2007) também apresenta diferentes possibilidades em relação ao posicionamento do coordenador. Constatemos o esquema original proposto por Haspelmath (2007, p. 6, uma versão traduzida será apresentada posteriormente). Observe, no esquema, a relação entre os elementos coordenados (denominados *coordinands*) A e B e a posição do coordenador (*co-*).

(4) Tipos de coordenação

- | | | | |
|-------------------|--------------|-------------|--------------------------------------|
| a. (Asyndetic) | A | B | |
| b. (Monosyndetic) | A | co-B | (prepositive, on second coordinand) |
| | A-co | B | (postpositive, on first coordinand) |
| | A | B-co | (postpositive, on second coordinand) |
| | Co -A | B | (prepositive, on first coordinand) |
| c. (Bisyndetic) | co-A | co-B | (prepositive) |
| | A-co | B-co | (postpositive) |
| | A-co | co-B | (mixed) |
| | co-A | B-co | (mixed) |

Observe que, em inglês, os coordenadores são prepositivos, seguindo o padrão [A co-B], em (1) e o padrão [co-Aco-B] em (2). O dado de Kannada (exemplo 3), por outro lado, ilustra um caso de posposição do coordenador, em padrão [A-coB-co].

Avaliaremos, com base na teoria de Haspelmath, o funcionamento das construções coordenadas monossidéticas e bissindéticas em Nheengatu, Wayoro e Português.

3 - COORDENAÇÃO EM PORTUGUÊS

Cunha e Cintra (2008) classificam as coordenadas sindéticas em cinco tipos (classificação semântica): aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

As **orações coordenadas sindéticas aditivas** servem para ligar dois termos ou duas orações de idêntica função, mediante as conjunções *e, nem* [= e não]. As **orações coordenadas sindéticas adversativas** ligam dois termos ou duas orações de igual função, fazendo o acréscimo de uma idéia de contradição através das conjunções *mas, porém, todavia, contudo, no entanto, etc.* As **orações alternativas** ligam dois termos ou orações de sentido diferentes, um fato se cumpre e outro não. As conjunções alternativas são *ou, ora, seja, nem etc.* As **orações conclusivas** ligam-se à anterior, expressando o sentido de conclusão. Exemplos de conjunções conclusivas são: *logo, pois, portanto, por conseguinte, por isso, assim, etc.* As **orações explicativas** atrelam duas orações, de maneira que a segunda justifica a ideia da primeira. São conjunções explicativas: *que, porque, pois, portanto*, entre outras.

Para fins contrastivos, selecionamos exemplos de sentenças coordenadas adversativas, alternativas e explicativas em português.

(5) Português: oração coordenada sindética adversativa

Apetece cantar, **mas** ninguém canta. (CUNHA; LINDLEY, 2008. p. 594)

(6) Português: oração coordenada sindética alternativa

O Antunes das duas uma: **ou** não compreendia bem **ou** não ouvia nada do que lhe dizia o seu companheiro. (CUNHA; LINDLEY, 2001. p. 581)

(7) Português: oração coordenada sindética explicativa

Venha, **porque** desejo conversar com você. (BECHARA, 1987, p. 161)

Há, em português, coordenadas monossindética (adversativa e explicativa) e bissindética (alternativa). A conjunção está sempre antes (preposicionada) da oração coordenada, seguindo, portanto, os padrões [A co-B] (adversativa e explicativa) e [co-A co-B] (alternativa).

Analisemos, adiante, como se dá o processo de coordenação em Nheengatu.

4 - COORDENAÇÃO EM NHEENGATU

A língua Nheengatu é falada por cerca de 6.000 pessoas pertencentes aos povos Warekana, Baré e Baniwa, localizados na região amazônica. De acordo com Cruz (2011, p. 384), em

Nheengatu, é possível identificar conjunções nativas, mas também conjunções fruto de empréstimos da língua portuguesa. As conjunções que apresentam claramente o empréstimo do português estabelecem as relações adversativa, alternativa e explicativa/causalidade.

Segundo Cruz (2011, p. 483), a conjunção adversativa **ma**, empréstimo do Português **mas**, permite estabelecer uma relação adversativa.

(8) Nheengatu: oração coordenada sindética adversativa (CRUZ, 2011, p. 483)

Poxa yande Werekena, mamãe /
INTJ 1PL Warekena, mamãe

ma, ti=ya-kua ya-kuntai
CONJ_{ADVS} NEG=1pl_A-saber 1pl_A-falar

Poxa! Nós somos Warekena, mamãe, mas não sabemos falar.

Br, bilíngue (Nh-PB)

A relação de alternância entre duas orações é estabelecida por **u** ‘conjunção de alternância’, empréstimo do Português **ou**. (CRUZ, 2011. p. 487)

(9) Nheengatu: oração coordenada sindética alternativa (CRUZ, 2011, p. 487-488)

Kua tempu tu-resebei=wã kua farda
DEM_{PROX} tempo 3pl_A-receber=PFT DEM_{PROX} uniforme

U ti=ta-resebei kua farda
CONJ_{ALT} NEG=3pl_A-receber DEM_{PROX} uniforme

Neste tempo, recebiam já uniforme ou não recebiam uniforme?

Wr, bilíngue PB-Nh.

Conforme Cruz (2011, p. 485), a oração coordenada com a conjunção **porke** ‘explicativa’ permite introduzir uma explicação para o trecho discursivo anterior ou estabelecer uma relação de causa e consequência. É usada até mesmo por falantes com baixa fluência em Português.

(10) Nheengatu: oração coordenada explicativa/causalidade (CRUZ, 2011, p. 485)

ya-kuntai Portugues ya-mundu arã /
1pl_A-falar Português 1pl_A-mandar SUB_{FIN}

Porke yande ya-kua yane-nheenga=ntu ti=u-meẽ
CONJ_{EXPL} 1PL 1pl_A-saber 1pl_E-língua=RESTR NEG=3sg_A-dar

Falamos Português para mandarmos, porque sabermos somente nossalíngua, não dá

Bn, falante de Bn, Nh, PB.

A língua também disponibiliza uma forma nativa de expressar a causa de um evento. Trata-se da coordenação por meio da conjunção **nhanse**. Porém, de acordo com Cruz (2011, p. 485), em geral, a conjunção **nhanse** tende a ser substituída pelo empréstimo **porke**.

Observa-se a presença de coordenadas monossindéticas, em Nheengatu. Os elementos coordenadores estão preposicionados à oração, seguindo o padrão [A co-B].

5 - SENTENÇAS COLETADAS EM WAYORO

A língua Wayoro pertence à família linguística Tupari, tronco Tupi. A população Wajuru (como se autodenominam atualmente) soma cerca de 240 pessoas, localizadas no estado de Rondônia. A língua, porém, conta com apenas 05 pessoas idosas que ainda dominam a língua e as crianças da etnia aprendem o português como primeira língua.

A relação condicional e causal em Wayoro se estabelece através da conjunção **kawere** e a relação adversativa se manifesta por meio da conjunção **kawate**. Até o momento, não foram identificadas sentenças traduzidas com o valor semântico de alternância. Os dados aqui apresentados foram coletados em campo em 2012 (NOGUEIRA, 2012) e apresentados em relatório de pesquisa.

(11) Wayoro: oração coordenada sindética causal/condicional

te-tak atine-tine-ka **kawere**

3-filha.do.homem sovinar-reduplicação-verbalizador **kawere**

yõ-m poorap yõa-m

dar-nominalizador porcaria dar-nominalizador

Deram veneno, **porque** ele estava sovinando a filha dele. (texto)

(12) Wayoro: oração coordenada sindética adversativa

Tuero pare ndera-w eriat

Chicha bom moer-nominalizador dono

Kawate aramãira-yan dj-i-togo-togo-a-p ndiakwa

Kawate mulher-plural 3-?-mascar-reduplicação-nominalizador querer

Ela fazia chicha gostosa, **mas** a mulherada queria mascar para ela.

(WYR-20100326-FN-PM-caracol)

6 - ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE PORTUGUÊS E AS LÍNGUAS WAYORO E NHEENGATU

Vimos que, para Haspelmath, as construções coordenadas sindéticas podem ser classificadas como **monossindéticas** ou **bissindéticas**. Os exemplos apresentados em Nheengatu e Wayoro são todos casos de coordenação monossindética. A coordenação alternativa em português ocorre em uma oração bissindética (mas também se manifesta como monossindética), enquanto a adversativa e a explicativa ocorrem em construção monossindética.

Verifiquemos, agora, o posicionamento do conectivo nestas línguas, sendo A= primeiro elemento, B= segundo elemento e co= coordenador. Tal como em inglês, os dados de Português (exceto a alternativa) e Nheengatu encontram-se no padrão [A co-B].

(13) Padrão em Português e Nheengatu

[A co-B] prepositiva (anterior ao elemento), localizado no segundo elemento.

Em Wayoro, o elemento **kawete**, que estabelece uma relação causal e condicional, ocorre posposicionado à oração coordenada, a qual aparece como primeiro elemento, seguindo um padrão [A-co B]. Por sua vez, o coordenador **kawate** ocorreu preposicionado à oração coordenada, que é o segundo elemento, ou seja, temos o padrão [Aco-B]. Assim, temos o seguinte esquema para os dados e Wayoro.

(14) Padrões em Wayoro

a. Causal e condicional

[A-co B] pospositiva (seguindo o elemento), localizado no primeiro elemento.

b. Adversativa

[A co-B] prepositiva (anterior ao elemento), localizado no segundo elemento.

Assim, constatamos que nas construções analisadas não ocorrem coordenação assindética, pois sempre aparece um coordenador, portanto, são sentenças monossindéticas. Tem-se, em português, o padrão [A co-B], em que os coordenadores **mas**, **ou** e **porque** vêm antes do segundo elemento, sendo, portanto, prepositivo à B. Padrão idêntico ocorre em Nheengatu com as conjunções emprestadas **ma** ‘adversativa’, **u** ‘alternativa’ e **porke** ‘explicativa’. A língua Wayoro, por outro lado, apresenta conjunções com forma diferente **kawate** ‘adversativa’ e **kawere** ‘causal/condicional’, bem como padrões diferentes para a relação causal e condicional [A-co B].

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A semelhança na configuração de sentenças coordenadas entre Português e Nheengatu e a diferença entre estas e a língua Wayoro sugere, talvez, uma explicação com base na história desses povos. Como aponta Aikhenvald (2007), as línguas refletem a história sociolinguística dos seus falantes. Por um lado, desde sua origem, a língua Nheengatu conta com alguma interferência da língua portuguesa na língua Tupinambá, a partir do séc. XVI. Por outro lado, o povo Wajuru entra em contato com não índios apenas no séc. XX, em situação de agressiva substituição da língua indígena em detrimento da língua portuguesa.

Segundo Cruz (2011), o Nheengatu se formou a partir da língua Tupinambá (família Tupi-Guarani, tronco Tupi), e o Tupinambá deu origem a uma Língua Geral que foi usada como instrumento de colonização no século XVI. Nos séculos XVII e XVIII, é provável que o contato da língua geral com outras línguas indígenas tenha colaborado para suas primeiras diferenciações; a partir do século XIX, a língua geral desaparece em grande parte da Amazônia e então, surge o Nheengatu. O termo Nheengatu nasce de um movimento romântico que almejava registrar a língua: “Segundo Rodrigues, o termo Nheengatú foi inventado por Couto de Magalhães a partir de *nheen* ‘língua ~ falar’ e *katu* ‘(ser) bom’, ou seja, *Nheengatú* significa ‘língua boa’”. (CRUZ, 2011, p. 12). Desde sua origem, tem-se, portanto, o contato do Nheengatu com a língua portuguesa. Tal contato permanece até os dias atuais. Veja a explicação terminológica de Cruz (2011, p. 4):

Tupinambá – língua falada na costa do Brasil, no século XVI. As principais fontes sobre essa língua são as gramáticas de Anchieta (1990[1595]) e Figueira (1880 [1621]);

Língua geral brasílica – língua geral falada na província de Maranhão e Grão-Pará, de 1616 até o final do século XVIII;

Nheengatú – variedades de línguas gerais faladas na região amazônica no século XIX até o momento atual.

O caso Wajuru é bastante diferente. Através da chegada dos seringueiros nas proximidades das regiões que tradicionalmente habitavam (nas cabeceiras dos rios Colorado e Terebinto, afluentes do rio Guaporé, em Rondônia), em 1910-1920, ocorreram os primeiros contatos entre os Wajuru e os não-índios (SOARES-PINTO, 2009). Tais contatos ocorreram de forma descontínua, mas resultaram em mazelas como escravização e dizimação por doenças, como o sarampo. Os Wajuru, juntamente com outros povos, foram transferidos pelo governo para o Posto Indígena Ricardo Franco, em uma “política de amontoamento num espaço circunscrito de grupos por vezes desconhecidos ou talvez rivais”. Os povos ali amontoados foram obrigados a aprender a língua portuguesa e a ensiná-la para seus filhos, cujos filhos (netos da primeira geração transferida) hoje aprendem como primeira língua o Português, e não as línguas indígenas. Em acordo com Braga et al. (2011, p. 225),

A língua de comunicação diária é atualmente o português, tendo em vista que a maioria dos jovens e a totalidade das crianças não falam a língua de seu grupo. Contudo, as línguas nativas sobrevivem na fala dos mais velhos, sendo ainda faladas na T. I. Guaporé as línguas Ajuru, Aruá, Arikapô, Jabuti, Makurap e Tupari.

De modo geral, observa-se que não há muitos empréstimos da língua portuguesa, no vocabulário coletado até o momento da língua Wayoro. Em geral, termos identificados que podem ser fruto do contato são os neologismos para vestimenta, utensílios de trabalho e caça, além de objetos como espelho, óculos e relógio (ex. *mbopot ngwep* ‘cartucho [lit. flecha do branco]’). Segundo Cruz (2011, p. 224), em Nheengatu, não apenas as conjunções podem ser emprestadas do português, nomes, verbos, adjetivos, posições são também passíveis de empréstimo (ex. *xabí* ‘chave’, *barato* ‘barato’, *istragai* ‘estragar’).

A situação de contato, iniciado no século XX, entre o Português e o Wayoro, portanto, resultou em agressiva substituição da língua Wayoro pela língua portuguesa. Já o intenso contato entre Nheengatu e Português, desde a origem da língua até os dias de hoje, reflete-se no empréstimo de conjunções e também nos padrões de organização das sentenças coordenadas.

REFERÊNCIAS

AIKHENVALD, A. Y. Grammars in Contact: a cross-linguistic perspective. In: AIKHENVALD, A. Y.; DIXON, R. M. W (Eds.). **Grammars in Contact**. New York: Oxford, 2007.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

BRAGA, A. et. al. Línguas entrelaçadas: uma situação sui generis de línguas em contato, **PAPIA**, São Paulo, v. 21(2), 2011, p. 221-230.

CRUZ, A. **Fonologia e Gramática do Nheengatú**. 2011. 652 f. Tese (Doutorado) – Vrije Universiteit, Amsterdam, 2011.

CUNHA, C; LINDLEY, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CUNHA, C; LINDLEY, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HASPELMATH, M. Coordination. In: SHOPEN, T (Ed) **Language Typology and Syntactic description: complex constructions**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

NOGUEIRA, A. F. **Relatório de Viagem**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2012. Não publicado.

SAVIOLI, F. P. **Gramática em 44 lições**. 31ªed. São Paulo: Ática, 1999.

GLOSAS: INTJ=Interjeição; 3pl=3ª pessoa do plural; CONJ_{ADVS}=Conjunção adversativa; NEG=Negação; 1pl_A=Primeira pessoa plural da série dinâmica; DEM_{PROX}=Demonstrativo (próximo); PFT=Perfectivo; 3pl_A=Terceira pessoa plural da série dinâmica; CONJ_{ALT}=Conjunção de alternância; SUB_{FIN}=Subordinador de finalidade; CONJ_{EXPL}=Conjunção explicativa; 1PL=Plural (partícula); 1pl_E=Primeira pessoa plural da série estática; RESTR =Restritivo; 3sg_A=Terceira pessoa singular da série dinâmica; 3= 3ª pessoa do plural ou singular.